

Cresce preocupação com retração de empréstimos dos bancos comerciais

por Philip Stephens
do Financial Times

As nações industrializadas e em desenvolvimento manifestaram profunda preocupação com a aguda queda do fluxo de recursos de bancos comerciais para os países muito endividados.

Em comunicado divulgado depois de uma reunião em Washington do comitê interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), os ministros das Finanças pediram aos bancos comerciais a criação de novas técnicas e pacotes de financiamento para acelerar o fluxo de novos recursos para as nações endividadas.

O comunicado refletiu a intensa preocupação com as reuniões desta semana no FMI sobre o impacto potencial a ser causado às nações em desenvolvimento pela desaceleração da expansão econômica mundial e pela relutância dos bancos comerciais em conceder novos empréstimos.

"Os reduzidos preços das 'commodities' e o crescimento econômico mais lento no mundo exacerbaram as dificuldades financeiras de muitos países devedores", diz o documento. "Os financiadores privados com frequência têm relutado em fornecer fundos, mesmo nos casos em que existem políticas econômicas apropriadas."

O comitê interino não apresentou nenhuma nova iniciativa oficial para amenizar os problemas das principais nações devedoras, além de reafirmar que o FMI continuará a exercer um papel central na assistência à elaboração de programas de desenvolvimento.

A frustração com o fato de que os bancos comerciais não responderam rapidamente a programas oficiais de ajustamento e, em especial, o atraso na finalização do acordo com o México refletiram-se em um número de discursos proferidos por ministros das Finanças ocidentais.

James Baker, o secretário do Tesouro norte-americano, pediu aos bancos credores que sejam mais flexíveis na negociação de acordos de empréstimos e que desenvolvam um "cardápio" de opções no qual todos os bancos credores poderiam orientar-se ao proporcionar apoio contínuo a nações devedoras.

Baker, que formulou a abordagem de passo a passo à estratégia de dívida em 1985, declarou que os governos não conseguiriam criar esse cardápio, mas poderiam estimular os bancos a pensar de forma criativa.

O comitê interino também manifestou preocupação com as dificuldades dos países de baixa renda muito endividados, particularmente no Sahel africano.

O comitê exortou os governos credores a considerar urgente "a ajuda financeira excepcional" para suplementar os programas de ajustamento para esses países.

Propostas francesas e

Empobrecimento com os ajustes

Muitos países em desenvolvimento padecem da deterioração de suas condições sociais em consequência das políticas de ajuste causadas pela crise do endividamento, embora tal ajuste venha, a longo prazo, favorecer os pobres, afirma o Banco Mundial (BIRD). Nos países latino-americanos o consumo global por habitante caiu dramaticamente entre 1980 e 1985, em termos percentuais anuais a baixa foi esta: Argentina, 2,8%; Bolívia, 7%; Chile, 3,7%; Costa Rica, 4,2%, Equador, 1,6%.

britânicas separadas para diminuir o ônus da dívida oficial desses países foram discutidas pelo comitê, mas nenhuma decisão firme foi tomada. O Clube de Paris considerará novamente os planos no dia 1º de julho, quando as autoridades já terão preparado os detalhes técnicos.

Na sua avaliação da perspectiva econômica geral, o comunicado salientou várias incertezas e riscos para o crescimento contínuo. Os desequilíbrios de pagamentos entre as grandes economias permaneceram "insustentavelmente amplos", apesar da aguda desvalorização do dólar, observou o comitê.

Isso salientou a necessidade de "ação firme para lidar com o déficit fiscal norte-americano e de outros países industrializados com grandes superávits e para assegurar um ritmo adequado de expansão de demanda interna".

O comitê também incentivou o FMI a continuar a desenvolver indicadores de desempenho econômico para promover maior grau de compatibilidade entre as políticas econômicas das principais nações industrializadas. Um relatório de evolução dos indicadores será submetido ao FMI na próxima reunião, em setembro deste ano.

A Argentina e os bancos

Segundo a imprensa argentina, foi superado, na última quinta-feira, o maior obstáculo para o acordo da Argentina com os bancos credores. Os bancos concordaram em oferecer à Argentina "spread" semelhante ao negociado com o México, ou seja, 0,8125 sobre a Libor e não mais 0,875 (semelhante à taxa venezuelana) como queriam inicialmente. Mas ainda persistem divergências quanto ao sistema "on lending", (sob o qual os bancos, após receberem o pagamento dos juros repassam quantia equivalente em empréstimo aos setor privado argentino) e a capitalização da dívida.